



# Agraça que a Póvoa tem história alegre da Póvoa de Varzim crónicas

José de Azevedo

as revistas do desportivo  
casas cheias de bom-humor

*Finalmente...*

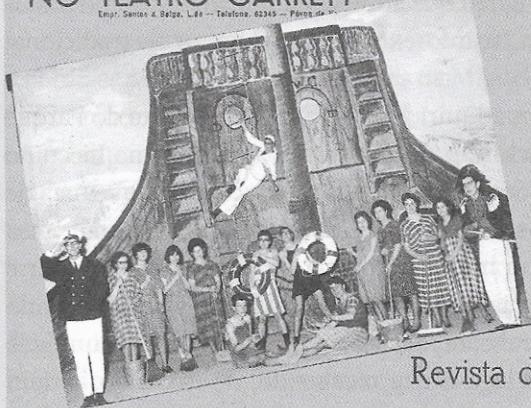
1 E 2 DE ABRIL, ÀS 21,30 HORAS

## JOSÉ DE AZEVEDO

## APRESENTA

## NO TEATRO GARRETT

Empr. Santos & Sohne, Ltda -- Telefone, 62345 -- Póvoa de Varzim



Revista de acontecimentos locais

Em 2 Actos e 10 Quadros

## 50.º ANIVERSÁRIO DO VARZIM SPORT CLUB

Cartaz  
anunciando  
a revista  
"Quanto mais  
velho... melhor"  
comemorativa  
do  
50º aniversário  
do Varzim Sport  
Club.  
(Prop. José  
de Azevedo)

A Póvoa de Varzim, com tradição de bons actores amadores, terra de teatros e cafés-concerto onde, no início do século passado, eram apresentados os melhores artistas nacionais e internacionais, depois de um período de pouca produção, renasceu para um período áureo de teatro ligeiro com inicio em finais dos anos cinquenta prolongando-se pelos anos setenta. Foram tempos dourados em que a juventude académica, e não só, se interessou pela arte de representar, e a população se afeiçoou ao teatro revisteiro que caricaturava assuntos locais. Quadros de crítica, de comédia, drama, sátira, usos e costumes, em espectáculos que cativavam uma comunidade divorciada do Teatro musicado com o mar da Póvoa como pano de fundo.

Corria Setembro de 1958. Tinha acabado de cumprir o serviço militar na Póvoa, no então “1º Grupo de Companhias de Administração Militar” acrescido de uma passagem pelo “Batalhão de Metralhadores nº 1”, em Lisboa. Era um dos frequentadores habituais da sede do Clube Desportivo da Póvoa, instalada no andar superior do Teatro Garrett, na Rua José

Malgueira, ora jogando xadrez e pingue-pongue ora frequentando a biblioteca ou fazendo uma perninha na secretaria organizando as suas várias secções desportivas.

O clube azul-e-branco, que reunia a juventude académica da época, fazia 15 anos. Os directores António Manuel Campos (um excelente tribuno) e António Gomes Ferreira (um dirigente faz-tudo), preocupavam-se em descobrir um número diferente para o programa de encerramento da festa de aniversário. Um número original que atraísse não só atletas, como sócios ou simples simpatizantes, um “trunfo-extra” para se juntar ao tradicional jantar fim-de-festa.

Com alguns conhecimentos adquiridos nos teatros de revista do Parque Mayer, em Lisboa, e com o bichinho da arte cénica apanhado no Liceu no tempo do Dr. José Luís Belchior, lembrei-lhes um espectáculo de revista de crítica a acontecimentos, usos e costumes locais, como número-surpresa das comemorações. Eu mesmo me encarregaria de o escrever, musicar e ensaiar. Era uma forma de se criar no clube um “Grupo de Teatro”, fazendo renascer uma actividade cultural com raízes bem profundas na comunidade poveira. A sugestão foi desde logo aceite recebendo, de imediato, ordem para avançar.

Caricaturando autarcas e temas políticos locais (os poveiros adoram este género...), juntando “apanhados” das secções desportivas e tíques dos directores, com um grupo de jovens alunos do Liceu, na sua maioria atletas, e alguns amadores voluntários, levei à cena a 15 de Dezembro de 1958, no Teatro Garrett, o primeiro espectáculo de revista do Clube Desportivo sob o título: *Gargantas Há Muitas...* O espectáculo, em dois actos e dez quadros, pela surpresa, oportunidade das rábulas e desempenho dos jovens actores, excedeu as expectativas mais optimistas. O teatro encheu-se durante três noites com um público animado e colaborante. O *teatro do Desportivo* (como ficou a ser conhecido) foi um êxito. A bilheteira esgotava e metiam-se cunhas para uma entrada. Os directores andavam radiantes. Tinham descoberto o ovo de Colombo.

No espectáculo de estreia, com os amadores muito nervosos, o quadro do *French Cão-Cão Ballet*, passado no mítico “Café Chinês” e interpretado por Miguel Tavares, irmãos Cadilhe (*Respeito*), Fernando Barros, Humberto Cruz e outros (elenco só masculino) pôs a plateia às gargalhadas. Outros quadros bem recebidos pelo público foram a paródia às secções desportivas, a estreia do trio “Os Companheiros do Luar” e o quadro de homenagem às mulheres da Póvoa (com Clarice Marques e João Cadilhe aplaudidos de pé). O teatro ligeiro na Póvoa renascia da melhor maneira depois de um

longo período de hibernação. Cumprindo o hábito, durante dez anos o Desportivo apresentou uma revista de costumes no seu aniversário.

## ARTISTAS AMADORES

Os artistas eram, na maioria, estudantes do Liceu e da Escola Comercial, a que se juntaram empregados de comércio e operários. Alguns estudantes, actores amadores com muito talento, ocuparam mais tarde lugares de relevo na política nacional. Como exemplo, em revistas que se seguiram, recorde-se as magníficas prestações de Miguel Cadilhe (mais tarde Ministro das Finanças), um artista que desde muito novo revelou uma queda muito especial para papeis onde o dinheiro era tema central (o seu papel como *Diabo* num adaptado Auto de Gil Vicente, foi notável); António Carlos Santos (mais tarde Secretário de Estado de Assuntos Fiscais) imitou de forma burlesca (nota de excelência) o presidente da Câmara de então, Tenente-Coronel Lauro de Barros Lima; Henrique Campos Cunha, hoje deputado pelo CDS, dirigiu o orfeão poveiro numa paródia ao grupo coral fundado pelo Dr. Josué Trocado, para além de outros amadores com igual arte e engenho. Com estes espectáculos anuais, gratificantes surpresas para directores e sócios, caiu na agenda das tradições poveiras a “revista do Desportivo”, apresentada como chave de ouro do seu programa de aniversário.

Nos anos em que a revista saía à cena a receita da sátira ao poder local funcionou de forma a fazer transbordar o Cine-Teatro Garrett três ou quatro noites em Janeiro. E começaram então as grandes revelações no teatro-amador-poveiro, de mãos dadas com os cortes da censura (alguns) e pressões políticas (muitas). A tesoura censória (sempre atenta) era torneada com improvisos (por vezes a dar para torto...) ou truques de linguagem, já que o recado para o arranjo das ruas, falta de iluminação ou crítica de atitudes a personagens de proa na comunidade, era imprescindível num espectáculo daquele género. E, sobretudo, ementa apetecível e esperada pela população que já não dispensava a nobre arte da “má-língua” em dois actos. Durante anos a comunidade poveira divertiu-se com as revistas do Desportivo. Terminada a série do teatro de aniversário, e completados os cursos académicos para alguns estudantes, os “actores residentes” do clube da Rua José Malgueira, com outros amadores (a oferta era muita...), colaboraram em espectáculos do género em benefício de outras instituições poveiras: “Cenas da Vida Poveira – Auto no Largo do Castelo – Festas de São Pedro – 1962); “Quanto Mais Velho Melhor” (1966 – 50º aniversário

do Varzim S.C.), onde foi apresentado o “Hino do Varzim” que ainda hoje se canta; “Não Há Nada como Ter um Tio Rico” comédia musical com a participação do Grupo de Teatro da Matriz, para encerramento do 1º Festival de Teatro Amador da Póvoa de Varzim em 1979; “Matriz Minha Saudade” (1986 – Associação da Matriz); “Esta Póvoa que eu Amo” (Carnaval 1998, com a participação dos actores brasileiros Ary Fontoura e Lucinha Lins); “Esta Vida é Bela” (“Projecto Vida”, Câmara Municipal – 1995) “Ó Vai... Ó Racha” (récita da ESEIG, 1995), “A Póvoa em Festa” (92º Aniversário do Clube Naval Povoense” – Fev. 1996) e “Saúde e Bichas” (Amigos do Hospital, 1998).

De algumas cenas hilariantes desses espectáculos, recordo o poema (improvisado) sobre a candidatura de Humberto Delgado pelo actor sénior Jacinto Queirós (alfaiate) que fez suspender a representação, com o Major Mota (então presidente da Câmara e grande amigo do Clube) inventando mil desculpas para acalmar a irritação policial; o lápis azul da censura, cortando de alto abaixo, o quadro “A Ceia dos Maiorais” (uma sátira aos autarcas locais), cuja gravação prévia andou de casa em casa para gáudio da oposição; diálogo da peixeira Susana (interpretada por Cândida Andrade) com o sapateiro Zé Policia, (Dário Ferreira) obrigando o Ten. Coronel Barros Lima, então presidente da Câmara, a mandar calcetar a Rua 31 de Janeiro, nessa altura uma artéria com piso térreo intransitável e mal iluminada, e “Meu amor bacalhoeiro”, uma pândega ao programa radiofónico “Hora da Saudade”, no tempo do Estado Novo, interpretação excelente de Clarice Marques.

## ÉPOCA TEATRAL DOURADA

“As revistas do Desportivo” foram verdadeiras pedradas no charco no teatro musicado poveiro, servindo de mote a conversas e críticas no bate-boca da comunidade. Caso acontecesse alguma anormalidade, falha dos Serviços Municipais ou atitude caricata de algum dos autarcas, era certo e sabido que saía caricatura na récita azul-e-branca. E o certo é que, compreendendo parte das denúncias, a Câmara, sem dar o braço a torcer, aceitava e tentava corrigir.

Embora nunca se tivesse criado um Grupo Amador de Teatro, o facto é que o Desportivo era uma instituição com fornadas de actores sempre dispostos a participar em récitas a seu favor e de outras instituições. Com cinco ou seis artistas “habituais” e mais uns trinta nascidos em cima da hora, o grupo da “revista” acabou por revelar alguns jovens talentos

(tão bons comediantes, como bons alunos e excelentes profissionais), que bem poderiam ombrear com actores “a sério”. Como exemplos, entre muitos outros, gostaríamos de destacar Clarice Marques, Jaime Monteiro, Dulcídio Marques, Dario Ferreira, Albino Baptista de Lima, Tony Lopes, António Pinheiro Marques, Heitor Pinho, os irmãos Manuel, José e João Alberto Cadilhe, António Carlos Santos, Henrique Campos Cunha, Miguel Cadilhe, Isabel Marques, Juvenal Campos, Álvaro Pontes, Mateus Ribeiro, José e António Mota, Rui Anahory, Zito Linhares de Castro, irmãos Calheiros, irmãos Pinto, Alice Moita, Conceição Magalhães, Ana Margarida, e muitos, muitos outros. De registar que alguns deles conseguiram trepar a cargos marcantes na magistratura, belas-artses, ensino, política e gestão empresarial.

Para além de actores, músicos e compositores, o *Teatro do Desportivo*, fez desabrochar artistas plásticos e cenógrafos de elevado mérito. Casos de Jaime Azinheira, Isac Gonzalez, Rui Anahory, Fernando Gonçalves, Humberto Cruz e Miguel Viana, entre outros. Nos conjuntos musicais destaque para o Conjunto José Guedes, A2M (Associação Musical da Matriz), Delfim Galvão, João Silva e “Ala Arriba” de Fernando Gonçalves.

Juntando o útil ao agradável, as récitas do Clube Desportivo da Póvoa conseguiram formar um escolhido naipe de excelentes intérpretes, de bons amigos e cidadãos interessados pela sua comunidade. Jovens com sensibilidade, sentido crítico e, sobretudo, com amor ao teatro. Para muitos, com o apoio de pais e professores, o *Teatro do Desportivo*, era uma Escola de Virtudes. Um género de teatro ligeiro, pleno de humor, que acabou... quando “morreu” o Teatro Garrett.

## O MONÓLOGO

Entre tantos artistas amadores havia sempre um mais amador que outro. Todos eles, no entanto, com uma força de vontade enorme e um notável desejo de aprender. Para alguns, uma subida ao palco era o concretizar de um sonho, uma realização pessoal. Ninguém faltava aos ensaios (sempre à noite) mesmo que, para aqueles que trabalhavam, o jantar entrasse na lista de espera, para desespero dos familiares. Durante os ensaios, e até nas representações, aconteciam episódios curiosos, alguns caricatos. Aí vai uma história de que muitos artistas desse tempo se lembrarão.

Ensaiava-se, nessa altura, no salão da “Fúnebre Familiar”, à Rua Cidade do Porto. Realizavam-se os últimos preparativos. Era preciso afinar o quadro “Eça e o Varredor”, um dueto entre o escritor poveiro e um funcionário

municipal de limpeza, onde se criticava o moroso andamento das obras na cidade. Nessa noite, contra o habitual, faltou o "Eça de Queirós", personagem a cargo do João Alberto Cadilhe. Para limar pormenores mandei ensaiar o varredor. Durante a sua fala, verifiquei que o zeloso funcionário municipal passava o tempo a olhar pró chão esquecendo-se do diálogo com o Eça, colocado no seu pedestal. Irritado com aquela posição, mandei-lhe um berro e disse:

— Ouve lá, estás sempre a olhar pró chão, como que não estivesses mais ninguém em palco? Olha que tens outro actor contigo, isto não é um monólogo...

— Eu sei, Sr. Azevedo, *eu sei que isto é um biólogo!*... responde o actor atrapalhado.

Foi uma risota geral. Com este toque de graça, daí para a frente o ensaio correu às mil maravilhas.